

'Alfabeto Sonoro'
no Manouche é
Letrux de 'A' a 'Z'

PÁGINA 3



'Não Sou Nada',
um mergulho na
estética de Pessoa

PÁGINA 4



Musical sobre o
genial Belchior em
apresentação única

PÁGINA 6



2º CADERNO

'É uma ode à liberdade e um compromisso com a arte'

Jorge Bispo/Divulgação

Ed Motta rompe hiato fonográfico de cinco anos e exhibe sua artesanaria e excelência musical em 'Behind The Tea Chronicles'

Depois de uma pausa de cinco anos, Ed Motta está de volta com o seu 14º álbum de estúdio, "Behind The Tea Chronicles", que nos faz cruzar fronteiras musicais e nos convida a ouvir não só canções soulful e groovy, mas também a mergulhar em climas quase cinematográficos.

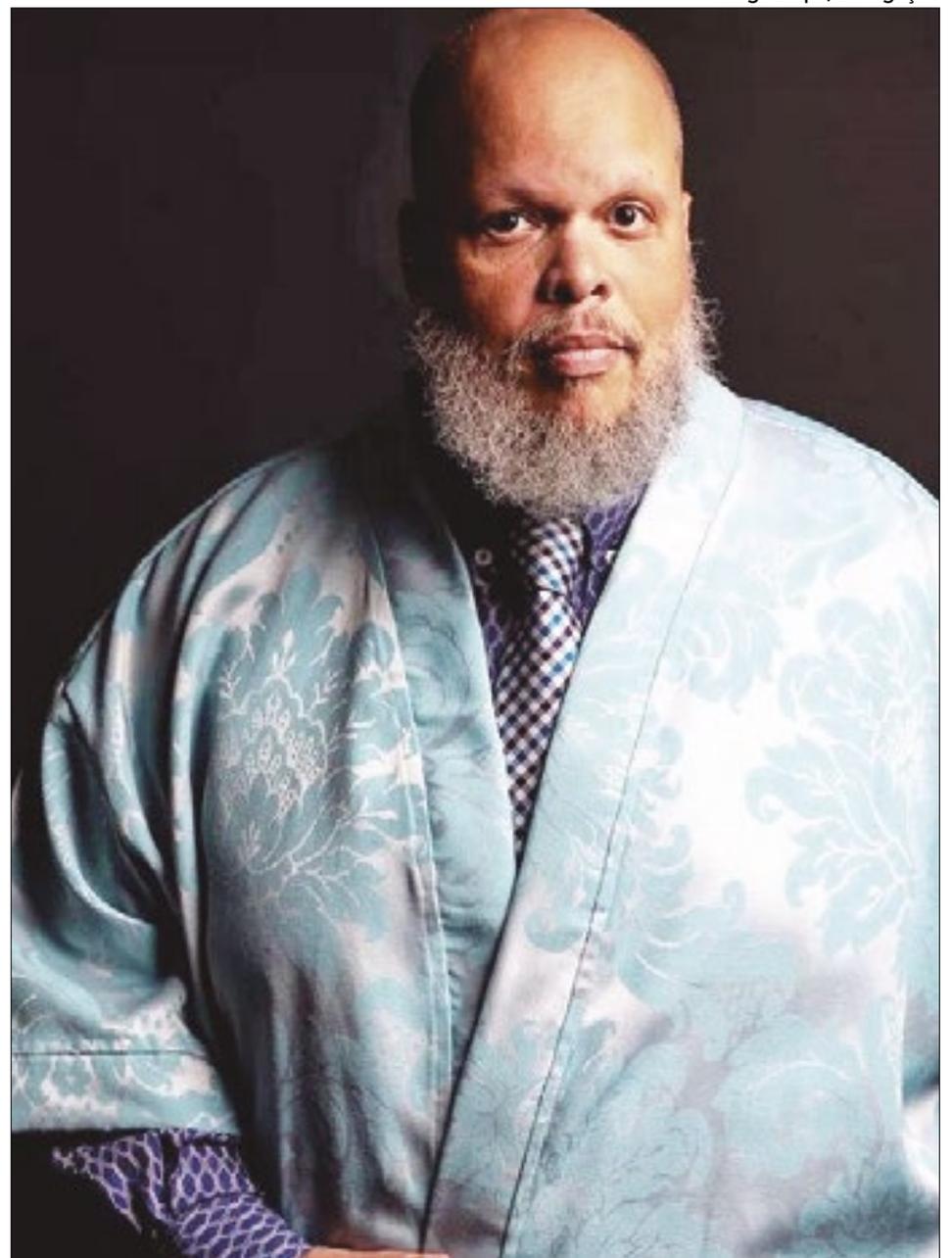
Nascido em 17 de agosto de 1971, no Rio, Ed Motta teve desde cedo uma inclinação pela música. Durante sua adolescência, mergulhado no rock e no blues, foi recrutado pela banda de hard rock Kabbalah para ser o vocalista. Desde então, suas paixões e referências musicais se expandiram para soul, funk, jazz, classic-rock, música clássica, blues e Broadway. Não é surpresa que, ao longo de sua carreira, ele tenha trabalhado com músicos renomados, incluindo Ryuichi Sakamoto, Max Middleton, Jean-Paul "Bluey" Maunick (Incognito), Roy Ayers, Rolf Kühn, Chucho Valdés, Patrice Rushen, Hubert Laws, Bernard Purdie, João Donato, Dom Salvador, Greg Phillinganes e muitos outros.

"Behind The Tea Chronicles" representa um marco significativo na trajetória artística de Ed. Essa obra-prima musical mostra sua habilidade única de criar melodias inesquecíveis e letras instigantes. Nesse disco, Ed se inspirou em séries de TV e filmes. "Colombo", "Barnaby Jones" e "Streets of San Francis-

co" (no Brasil, "São Francisco Urgente") são as minhas séries favoritas. Mas também gosto da inglesa "Quatermass", a primeira série de ficção científica do mundo e produzida pela BBC, que foi uma inspiração direta para uma faixa do álbum", diz Motta. "Também me inspirei em filmes antigos: especialmente o filme "Gaslight", de George Cukor, e filmes de Jacques Tati, Jean-Pierre Melville e Basil Dearden, que são alguns dos meus diretores favoritos e me deram muitas ideias".

Com sua musicalidade incomparável, os arranjos cativantes e as composições em camadas de Ed Motta criam uma fusão requintada de gêneros. Cada faixa de "Behind The Tea Chronicles" mostra seu domínio de vários estilos musicais, incorporando elementos de funk, soul, jazz e até sons da Broadway, que, obviamente, apresentam seus vocais suaves e aveludados. Comentando sobre seu último álbum, Ed Motta disse: "Eu queria criar algo verdadeiramente único com 'Behind The Tea Chronicles'. Filmes e séries de TV antigas sempre tiveram um impacto profundo na minha imaginação e musicalidade. Eu queria homenagear essas influências e usá-las como pontos de conexão para criar um álbum que não seja apenas musicalmente envolvente, mas também leve os ouvintes a uma jornada nostálgica e cinematográfica. É uma ode à liberdade e um compromisso com a arte".

Continua na página seguinte



Ed Motta: 'Filmes e séries antigas sempre tiveram um impacto profundo em minha imaginação e musicalidade'

Músicos de renome colaboraram com o projeto

Jorge Bispo/Divulgação



As influências para as faixas são muitas e variadas. O estilo “Western” de “Buddy Longway” é uma referência ao personagem francês de quadrinhos de mesmo nome, enquanto o dramático e etéreo “Confreres Exile” é influenciado pela música impressionista francesa e musicais de Stephen Sondheim. O swinging shuffle blues “Shot In The Park” é a carta de amor de Motta a Donald Fagen e Steely Dan; no tema soul-funk Safely Far, Ed revela um casal no estilo nouvelle-vague do cinema francês dos anos 60 que habita sua mente. “Slumberland” é uma referência direta à série de animação ‘Little Nemo in Slumberland’, escrita por Winsor McCay”, diz Motta. Não só a sua influência pelo cinema pode ser ouvida nesta faixa em particular, mas ao longo de todo o álbum. Motta chama esse estilo musical de “Psychedelic Soul”. Essa faixa vem junto com um lyric video criado pela esposa de Motta, a ilustradora Edna Lopes, que se inspira muito nos quadrinhos franceses/belgas (Bandes Desinées) e traz o estilo ligne Claire, do qual Motta é um grande fã.

“Behind The Tea Chronicles” apresenta uma impressionante formação de músicos ilustres, incluindo colaborações notáveis com artistas brasileiros e internacionais. Os famosos cantores Paulette McWilliams, uma experiente vocalista que participou do álbum “Off The Wall” de Michael Jackson, e Philip Ingram, irmão de James Ingram e membro fundador do grupo Switch, podem ser ouvidos como backing vocals, bem como a Orquestra Tcheca FILMharmonic.

Em relação à sonoridade de seus discos, Motta nunca faz concessões. “Fiquei obcecado com uma alta qualidade de áudio por causa do Steely Dan. Quando estou gravando algo novo, sempre testo o estúdio e os monitores tocando ‘Aja’ e ‘Black Cow’, para ouvir os agudos e graves”.

Vendendo mais de 300 mil cópias no Brasil com seu lançamento de 1997 “Manual Prático para Fes-

tas, Bailes e Afins”, Ed Motta então manifestou sua posição como popstar no Brasil e ganhou platina. Ele continuou a mesclar gêneros e explorar o mundo musical, aplicando suas referências musicais e talentos para filmes. Musicou dois curtas-metragens – o premiado “Ninó”, de Flávia Alfinito, e “Fome”, de Patrícia Alves Dias. No mesmo ano, Ed voltou ao topo das paradas com a música-tema do longa-metragem

“Pequeno Dicionário Amoroso” (dirigido por Sandra Werneck). Em 1999, Ed compôs a trilha sonora do média-metragem “De Janela Pro Cinema” (dirigido por Quia Rodrigues), que foi premiado em festivais brasileiros.

Em 2001, Ed continuou a trabalhar em filmes, fornecendo música para os longas-metragens “A Partilha” (dirigido por Daniel Filho) e “Sexo, Amor e Traição”

(dirigido por Jorge Fernando). O século 21 ampliou e diversificou o campo de trabalho de Ed, aplicando seus gostos impecáveis e conhecimento enciclopédico a áreas fora da performance musical. Ele escreveu o texto para DVDs de relançamentos de filmes clássicos enquanto escrevia sobre seus cineastas e filmes favoritos para vários meios de comunicação.

Para seu álbum de 2005 “Aystelum”, Ed combinou duas de suas paixões: o spiritual jazz dos anos 1970 e a tradição da Broadway liderada por Stephen Sondheim. O repertório do disco alternava entre canções com letras e músicas instrumentais, que incluíam dois sambas em parceria com o compositor e escritor, Nei Lopes, e três músicas do musical “7 - O Musical”, composto por Ed. A partir de setembro de 2007, o musical dark ficou em cartaz por um ano no Rio de Janeiro e outro ano em São Paulo, ganhando prêmios de prestígio.

Ele ainda explorou o mundo da música clássica que ele entrelaça com suas raízes no Brasil e estilos variados de todo o mundo repetidamente. Sua dedicação e trabalho duro lhe renderam uma indicação ao Latin GRAMMY® em 2006 por seu álbum “Aystelum”. Ed Motta continuou a lançar músicas ao longo dos anos e 2018 marcou o nascimento de seu até então último álbum “Criterion Of The Senses”. Com “Behind The Tea Chronicles”, sua excepcional jornada continua.

Além da música, Motta não é apenas um especialista em filmes e séries, mas também um conhecido especialista quando o assunto é vinho, chá e cerveja. Escreveu colunas sobre vinhos e gastronomia e fez curadoria de cardápios de vinhos, cervejas e chás para o hotel paulistano Emiliano. Motta também manteve uma coluna online de vinhos para a principal revista semanal do Brasil, Veja, enquanto apresentava o programa de rádio “Empoeirado” para a Rádio Eldorado, de São Paulo, destacando e apresentando joias raras e obscuras de seu acervo de 30 mil discos. Sua música reflete justamente essa coleção que começou com os discos da mãe e expandiu ao longo dos anos.

Reprodução Instagram

Letrux de **A a Z** no Manouche

Acompanhada de Thiago Vivas, cantora desfila canções a partir de todas as letras do alfabeto

Por Affonso Nunes

“É foi uma brincadeira poético-musical de A a Z. São livros, em sua maioria de autoras e autores nacionais atuais. Ainda li Fernando Pessoa, Rita Lee, Fernanda Young, Erich Fried e fiz bibliomania com Jean Cocteau”. Assim Leticia Pinheiro de Novaes, a cantora, compositora e atriz Letrux

resume seu novo projeto musical, “Alfabeto Sonoro”, concebido por ela e por Thiago Vivas, que a dupla apresenta nesta quinta-feira (26), às 21h, no ambiente deliciosamente intimista do Manouche, no Jardim Botânico.

O nome do espetáculo já entrega a proposta de Letrux e Thiago. As letras do alfabeto são contempladas com canções ou poemas, cujo título começa com a letra em questão, percorrendo de “A” a “Z”



Letrux e Thiago Vivas no show ‘Alfabeto Sonoro’

músicas e poemas de Sheryl Crow, Geraldo Azevedo, Tom Jobim, Edu Lobo, George Michael (no vozirão do Thiago), Paralamas, Pink Floyd e ainda textos dos autores citados acima.

É um show intimista, com ape-

nas piano, violão e voz. Especulações sonoras e poéticas dentro de um mesmo tema, um brinde ao alfabeto, que nos possibilita a linguagem. A curiosidade é grande em relação a essa apresentação que, aliás, já está com os ingressos esgotados.

SERVIÇO

ALFABETO SONORO - LETRUX E THIAGO VIVAS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese) | 26/10, às 21h
Ingressos esgotados

Duca Leindecker atendendo a pedidos

Artista gaúcho volta aos tempos de início de carreira em show intimista

O cantor e compositor Duca Leindecker apresenta o show “Pedidos” nesta quarta-feira (26) no Teatro Prudential, na Glória. O músico sobe ao palco em estilo verdadeiramente intimista no formato banquinho e violão, inspirado no tempo em que iniciou sua carreira em Porto Alegre.

O repertório, explica o artista, traz pedidos que são atendidos semanalmente pelo Instagram e feitos na hora do show, além de músicas que influenciaram o início de sua trajetória.

“Foi em 1983, aos 13 anos de idade, num bar chamado Charlot na 24 de outubro em Porto Alegre que toquei meus primeiros acordes e fiz minhas primeiras interpretações. No repertório, muita bossa nova, música popular gaúcha e, raramente, algumas composições próprias ainda toscas. Nesse show, inspirado nos posts do Instagram em que atendo pedidos dos internautas, resolvi voltar para lá, pro barzinho perto da Lucas com 24 e, felizmente, atender pedidos de músicas já nem tão toscas assim”.



Divulgação

Duca Leindecker se apresenta no formato banquinho e violão e tocando o que seu público pede

No início dos anos 1990, Leindecker foi convidado pelo próprio Bob Dylan para, ao lado de Frank Solari, abrir os seus shows pelo Brasil. Com a Cidadão Quem, por

outro lado, Duca gravou sete CDs e um DVD e fez mais de mil apresentações pelo país, incluindo um show no concorrido Rock in Rio 3. Já na literatura, o seu primeiro livro,

intitulado “A Casa da Esquina” se tornou um best-seller, com mais de 12 edições lançadas.

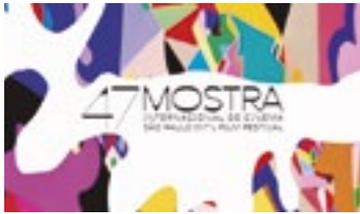
Ao lado de outro nome icônico do pop gaúcho, Humberto Gessinger, Duca formou o Pouca Vogal, em 2008. O duo lançou um CD e um DVD e fez mais de 200 apresentações pelo Brasil. O cantor já ganhou quatro Prêmios Açorianos de Música e a sua incursão no mundo da literatura ainda inclui as obras “A Favor do Vento”, que está em fase de adaptação para o cinema, e o recente “O Menino que Pintava Sonhos”, que foi adotado como leitura obrigatória na Fundação Liberto Salzano Vieira da Cunha, de Novo Hamburgo (RS).

SERVIÇO

DUCA LEINDECKER - PEDIDOS

Teatro Prudential (Rua do Russel, 804 - Glória)
25/10, às 20h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

ENTREVISTA / EDGAR PÊRA, CINEASTA



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Reverente a experimentos cinematográficos centrados no esgarçamento do limite entre as convenções da linguagem audiovisual e a necessidade de reinvenção das telas, o Festival de Roterdã, na Holanda, deu à luz o primeiro gol de Portugal na disputa por sua afirmação como um primado autoral na cultura europeia: “The Nothingness Club – Não Sou Nada”.

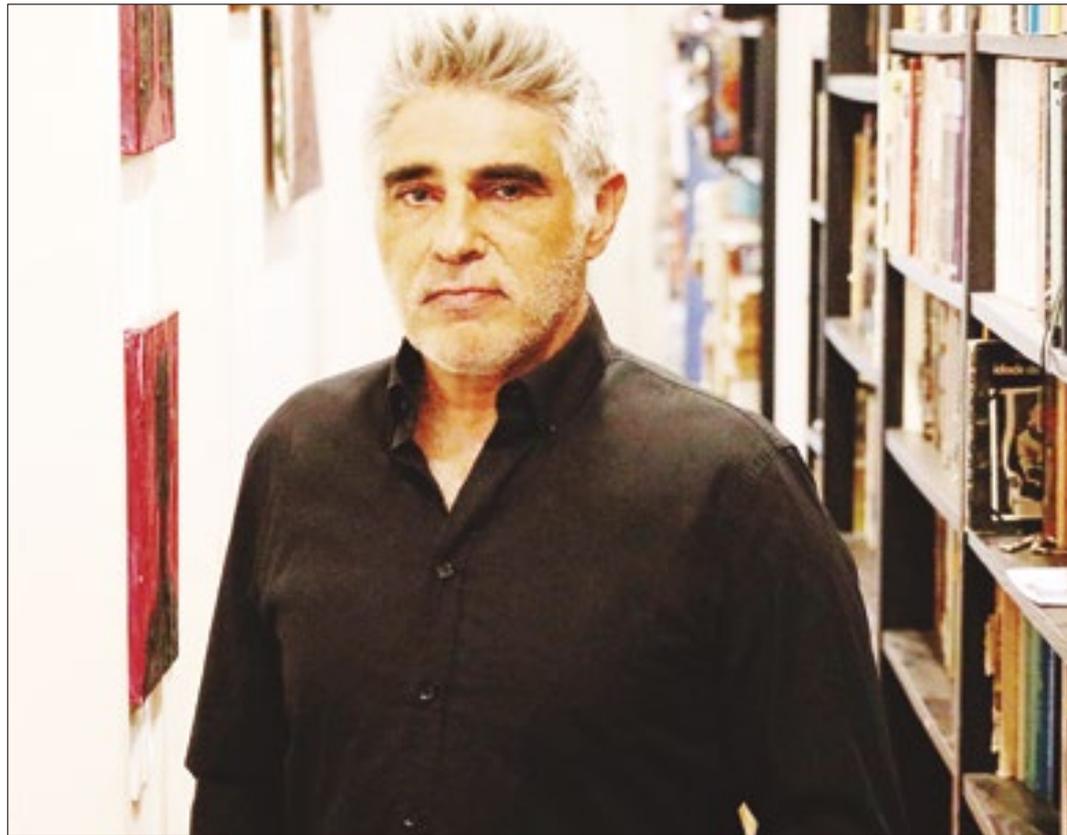
Edgar Pêra, seu realizador, é um lisboeta de 62 que, há uma década, dividiu a direção de um mesmo filme em episódios com Jean-Luc Godard (1930-2022) e Peter Greenaway – o surpreendente “3x3D” – e tem no currículo joias como “O Barão” (2011) e “És a Nossa Fé” (2004).

Rodou produções bem populares (“Virados do Avesso”) mas também emplacou documentários salpicados de radicalismo (“5 de Abril - Uma Aventura Para a Democracia”). Mas com seu novíssimo exercício autoral, ele surpreende a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo com sua imersão no universo mental (e espiritual) do poeta Fernando Pessoa (1888-1935). Antes de arrebatá-lo as miradas paulistanas, ele encantou Roterdã e chega ao circuito luso com a promessa de brilhar. Tem uma sessão a mais do longa-metragem produzido pela Bando à Parte, de Rodrigo Areias (diretor de “Hálito Azul”), na Mostra, nesta sexta-feira, às 16h15, no Espaço Itaú Frei Caneca.

Há uma fotografia estonteante neste thriller psicológico que decorre dentro da cabeça de Pessoa. No seu Clube do Nada, habitado por heterónimos, o poeta (vivido por Miguel Borges) consegue concretizar todos os seus sonhos. Mas

‘A poesia consiste, sobretudo, em falar de uma coisa sem a nomear’

Ana Soares/Divulgação



Edgar Pêra: ‘A minha esperança é de que se conheça melhor a obra de Pessoa’

a entrada em cena de uma mulher sofisticada, uma certa Ofélia, vivida por Victória Guerra, começa a desestabilizar o clube, enquanto o ultrajante heterónimo vanguardista Álvaro de Campos (Albano Jerónimo, o Wagner Moura dos

portugueses) disputa a autoridade de Pessoa de forma violenta.

Qual é o fascínio que Fernando Pessoa exerce sobre o povo português e o quanto dessa mística em torno da heteronímia em

sua obra se expande, amplia-se ou se contrai na forma como o teu “The Nothingness Club” dá abrigo às peças do puzzle humano que ele foi?

Edgar Pêra: A minha esperança é que se conheça melhor a obra

de Fernando Pessoa a nível internacional, mas também a nível nacional, porque, em Portugal, o público conhece apenas os quatro principais heterónimos e não se apercebem da constelação de heterónimos que poeta criou para ter tantos os pontos de vista diferentes. O que me interessou foi poder mostrar a complexidade do seu pensamento, de como Pessoa não acreditava em dogmas. A sua relatividade surge ao mesmo tempo que a relatividade de Einstein, dando sobretudo enfoque no papel do observador. Ao criar personagens como autores de livros, Pessoa dramatizou o próprio acto criativo como mais nenhum escritor que eu conheça. Daí o considerar o mais complexo artista de palavras (termo pessoano) do século XX... e dos seguintes.

Como construir a luz, na direção de fotografia, num filme que fala sobre poesia?

A luz é tão importante como a banda (trilha) sonora. Todo o filme é feito de camadas que se sobrepõem, quer ao nível imagético quer ao nível sonoro. O mais importante durante a rodagem era que eu pudesse filmar como num documentário, num raio de 360 graus. Dito isto, acredito que há mais poesia neste filme quando não há palavras, porque a poesia consiste sobretudo em falar de uma coisa sem a nomear, como por exemplo falar de uma árvore sem nunca utilizar essa palavra.

Qual é a lógica de um star system para montar um elenco que viva heterónimos, com um astro como Albano Jerónimo no papel de Álvaro de Campos?

A lógica de escolher alguém como o Albano assenta sobretudo na experiência de ter trabalhado antes com ele no meu filme “Caminhos Magnéticos”. Depois tivemos muitas conversas sobre o Álvaro de Campos, de tal forma que ele levou para rodagem todos os poemas incorporados na cena de forma a que nunca pareça que está a dizer um poema, como por exemplo, na cena final relativa ao Barão de Teive.

Na expectativa por Kusturica

Cineasta sérvio, ganhador de duas Palmas de Ouro, vai integrar o júri da maratona cinéfila paulista



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

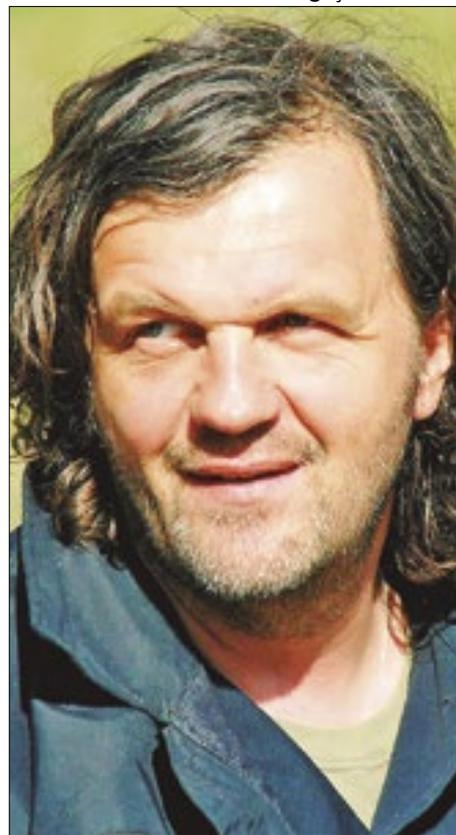
Haverá uma mobilização na 47ª Mostra de São Paulo nesta quinta-feira (26) em torno da chegada do sérvio Emir Kusturica, música da banda The No Smoking Orchestra e diretor condecorado com duas Palmas de Ouro de Cannes, dadas a ele por “Quando Papai Saiu Em

Viagem De Negócios” (1985) e por “Underground – Mentiras de Guerra” (1995).

Este último vai ser exibido no evento paulistano esta tarde, às 14h, no Cine-Sesc, possivelmente com a presença do cineasta de 68 anos, que faz parte do júri do festival. Ao lado dele, na análise das longas-metragens em concurso, estão a atriz e diretora brasileira Bárbara Paz; a diretora e produtora italiana Enrica Fico Antonioni; o realizador irlandês Lenny Abrahamson; a holandesa Mariëtte Rissenbeek, diretora geral do Festival de Berlim; e o artista transdisciplinar, diretor e escritor da Guiné Bissau Welket Bungué.

“O cinema das Américas foi fundamental para a construção do meu olhar, uma vez que a minha cabeça foi muito

Divulgação Unifrance



Emir Kusturica: ‘A inércia do mundo em relação à História é algo que me assusta’

influenciada pela Nova Hollywood, num período dos anos 1970 em que filmes inquietos davam bilheteria, sem fazer concessões para agradar. ‘Taxi Driver’

revelou muito para a minha geração sobre as possibilidades das narrativas. Mas a minha cabeça também foi influenciada pela vodca”, confessou o cineasta ao Correio da Manhã, ao lançar um .doc sobre o estadista uruguaio Pepe Mujica, antes da pandemia.

Em 2008, ele citou o futebol brasileiro, mas de maneira jocosa, no documentário “Maradona por Kusturica”, lançado no Festival de Cannes com enorme sucesso. “Aquele argentino deu ao esporte alguns dos dribles mais bonitos que o mundo jamais viu”, disse o cineasta, que esteve ao lado de Bárbara Paz há uma década no lançamento do longa em episódios “Words With Gods”, no qual divide os créditos com Hector Babenco (1946-2016). “Cada filme que faço deve ser uma resposta ao mundo ao meu redor”.

Famoso por filmes como “Gato Preto, Gato Branco” (1998), pelo qual ele recebeu o prêmio de melhor direção em Veneza, ele tocou na Marina da Glória em 2017, no Mimo Festival.

“A inércia do mundo, em relação à História, é algo que me assusta, mas a arte a desafia”, disse o diretor, que encantou o Festival de Veneza, em 2017, com “Na Via Láctea”, sua última ficção até agora.

A Mostra de SP segue até o dia 1º de novembro.

DICAS DE QUINTA-FEIRA

HAYDA, de Noora Niasari: Filme de encerramento do Festival de Locarno, este feel good drama foi laureado pelo júri popular de Sundance, tendo Cate Blanchett como produtora. Sua protagonista é Zar Amir Ebrahimi, ganhadora do prêmio de Melhor Interpretação em Cannes, em 2022, por “Holy Spider”. Na trama, ela é Shayda, iraniana que vive na Austrália e encontra refúgio em um abrigo para mulheres. Depois de fugir e pedir o divórcio de Hossein, seu marido, ela luta para manter uma rotina de normalidade com Mona, a filha de 6 anos. Mas a chegada da festa do Ano Novo persa bagunça sua vida. Circuito: Reserva Cultural 1, às 13h30.



Hayda

YANNICK, de Quentin Dupieux: É o filme mais maduro do satirista francês responsável por “Rubber, O Pneu Assassino” (2010) e “Fumar Causa Tosse” (2022). A produção levou a Suíça às gargalhadas ao concorrer ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, em agosto. Sua trama narra o faniquito (carregado de feridas sociológicas) de um espectador de teatro (Raphaël Quenard) que se revolta diante da mirada burguesa da peça que pagou para assistir. Dupieux assina a montagem e a fotografia do longa também. Circuito: Espaço Itaú Frei Caneca, 1530.



Yannick

MUSSUM, O FILMIS, de Silvio Guindane: Eis a maior aposta de farts bilheteria para o Brasil deste ano. Ganhou sete Kikitos em Gramado, inclusive o de Melhor Filme. Há quem diga que o autor de campeões de bilheteria Paulo Cursino fez aqui seu melhor roteiro. Cursino bate bola fina com o produtor mineiro André Carreira, que, numa conversa com um dos filhos do eterno trapalhão, idealizou um projeto estimado em



Mussum, o Filmis

R\$ 11 milhões para converter em ficção os feitos de Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994). Inclua aí sua luta contra a pobreza; a paixão pela Mangueira; o sucesso com os Originais do Samba; e o fenômeno na TV com Didi, Dedé e Zacarias. Ailton Graça vive Mussum na idade adulta, numa atuação de rasgar o peito da plateia. Circuito: Cinemateca Brasileira, 19h.

CORREIO CULTURAL

Pedro Ladeira/Folhapress



Waters abriu sua turnê brasileira em Brasília

Roger Waters evita falar da guerra entre Israel e o Hamas

Roger Waters desfilou hits do Pink Floyd e fez críticas a violações de direitos humanos em show na última terça-feira (24), no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Esta é a primeira apresentação da sua turnê de despedida, "This is Not a Drill", no Brasil. O artista ainda passa por São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Hori-

zonte e Curitiba.

Embora tenha começado o show com um aviso de que falaria de política, Waters evitou na primeira metade do show posicionamentos contundentes sobre a guerra de Israel contra o Hamas, mas mencionou o assassinato de um palestino entre uma série de mortes arbitrárias no mundo todo.

Livros e livros

A Primavera dos Livros, evento que reúne mais de 200 editoras independentes em evento no Museu da República agora faz parte do calendário oficial da cidade e traz centenas de títulos e lançamentos infantis e adultos desta sexta a domingo, das 10h às 19h.

Boitatá

O Cordão do Boitatá completou bodas de prata e preparou um espetáculo em comemoração à data que vai percorrer unidades do Sesc a partir desta sexta (27) no Sesc Nova Iguaçu. Depois segue para São João Meriti (3/11) e Tijuca (12/11).

Desafios

Cria da Baixada Fluminense, Henrique Silveira lança nesta quinta-feira (26), no Circo Crescer e Viver, o livro "Rio por Inteiro". A obra trata dos desafios urbanos e sociais da metrópole como mobilidade urbana, saneamento básico e participação social.

Van Gogh virtual

Neste sábado e domingo (28 e 29) acontece na Cidade das Artes a 7ª edição do Hacktudo, maior festival de cultura digital do Brasil. Entre as novidades, obras de Van Gogh ("Quarto em Arles", "Noite Estrelada" e "Terraço do Café à Noite") em realidade virtual.

A atemporalidade DE BELCHIOR volta aos palcos

Ivana Mascarenhas/Divulgação

Com novos textos, musical sobre a vida, obra e legado do genial compositor cearense tem apresentação única no Teatro I Love PRIO

“Belchior - Ano Passado Eu Morri, Mas Esse

Ano Eu Não Morro” retorna aos palcos com novos textos e músicas para celebrar a poética do compositor cearense Antônio Carlos Belchior (1946-2017). Dirigido por Pedro Cadore, que também assina a dramaturgia ao lado de Cláudia Pinto, o musical realiza sua celebração aos 77 anos do Belchior no Teatro I Love PRIO com única apresentação nesta quinta-feira (26).

O cantor e compositor nasceu em Sobral, norte do Ceará, e já no início da década de 1970 veio para o eixo Rio-São Paulo tentar emplacar suas canções em festivais de música. O sucesso inicial aconteceu quando a cantora Elis Regina interpretou duas de suas músicas em seu espetáculo Falso Brillante: “Velha Roupas Coloridas” e “Como Nós Pais”. O artista faleceu há cinco anos, seus últimos dez anos de vida já foram de quase silêncio total para a mídia, com raras notícias, entrevistas ou shows.

O musical faz um recorte de sua juventude através de uma dramaturgia formada por trechos de entrevistas do próprio cantor. Na



Pablo Paleologo interpreta Belchior

história, o ator e cantor Pablo Paleologo vive o cantor cearense, enquanto Bruno Suzano interpreta o “Cidadão Comum”, personagem recorrente nas canções de Belchior e de certa forma seu alter ego.

“Mais do que sua biografia, o espetáculo pretende mostrar ao espectador a filosofia de um dos ícones mais misteriosos da Música Popular Brasileira. Queremos trazer uma sessão de nostalgia aos fãs e aos que não conhecem sua poesia inigualável”, ressalta o diretor.

Além dos atores, uma banda com quatro músicos - Emília B. Rodrigues (bateria), Rico Farias (violão/guitarra), Sílvia Autuori (baixo/violino) e Thomas Lenny (teclado) - revive sucessos do bardo como “Alucinação”, “Apenas Um Rapaz Latino Americano”, “Na Hora do Almoço”, “Coração Selvagem”, “Mucuripe”, “Como Nossos Pais”, “Paralelas”, “Velha Roupas Coloridas” e “Sujeito de Sorte”.

“Com o espetáculo queremos marcar o resgate de Belchior, trazendo à tona seu discurso ainda

atual em relação à política brasileira”, diz Cadore.

A história do musical passou pela família do cantor, que deu o aval e ficaram muito felizes com o resultado mostrado no palco. “Nos emocionamos em ver uma produção sobre a obra do nosso pai tão alinhada com a proposta artística dele. O foco nas palavras de Belchior, tanto de músicas quanto de entrevistas, enaltece o compromisso do espetáculo com a sua filosofia. Desejamos vida longa ao musical e que ele alcance o Brasil inteiro. Parabéns a todos pelo lindo trabalho e empenho”, celebram Camila e Mikael Henman Belchior, filhos do homenageado.

SERVIÇO

BELCHIOR - ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE EU ANO NÃO MORRO
Teatro I Love PRIO (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Leblon) | 26/10, às 20h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

'A Lista', com Lilia Cabral e a filha Giulia Bertolli, faz curta temporada no Teatro Riachuelo Rio

Um encontro marcante

Lilia Cabral e a filha Giulia Bertolli vivem um encontro de gerações dividindo o palco em 'A Lista'



Assistida por mais de 60 mil espectadores, Lilia Cabral e a filha Giulia Bertolli estão juntas no palco na peça "A Lista", grande sucesso da temporada carioca e que fará três únicas apresentações no Teatro Riachuelo Rio. Por força das circunstâncias, uma aposentada de Copacabana se vê obrigada a estabelecer contato com uma vizinha, a jovem Amanda.

O encontro das duas detona um turbilhão de sentimentos, lembranças e descobertas que marcarão suas vidas para sempre. Emoção e humor marcam "A Lista", espetáculo que traz Lilia Cabral e Giulia contracenando juntas pela primeira vez.

Com texto de Gustavo Pinheiro e direção de Guilherme Piva, a peça já atraiu mais de 60 mil espectadores que se encantaram com o espetáculo, uma verdadeira declaração de amor ao Rio e, mais especificamente, Copacabana. A realização da temporada carioca de "A Lista" é um sonho que se concretiza.

"Trazer a peça para o Rio é um desejo muito acalentado por todos nós da equipe porque é a nossa cidade, é onde moramos e é onde a peça se passa. Tudo isso traz um sabor e um colorido diferentes. Voltar ao Teatro Riachuelo é a confirmação de uma alegria que nasceu nesse mesmo palco há três anos", afirma Lilia Cabral, que há quase uma década não fazia temporada de teatro no Rio, cidade que escolheu para viver desde que saiu de São Paulo, há mais de 30 anos.

Na hora de escrever sobre afeto e solidão, o autor não teve dúvida so-

bre onde ambientar a trama. "A peça é uma crônica do Brasil e acho que não há lugar melhor para falar do país que Copacabana, essa grande metáfora do Brasil, com seu melhor e pior, passado e presente coabitando o tempo todo. Tenho uma grande intimidade com Copacabana, morei ali por 10 anos, minha mãe ainda mora, frequento o bairro e sou fascinado por sua beleza e caos, pela multiplicidade de tipos de pessoas", explica Gustavo Pinheiro.

Montanha-russa emotiva

Morador de Copacabana, o diretor Guilherme Piva conta sobre os aspectos que movem o espetáculo. "O texto é uma verdadeira montanha-russa de emoções, cheio de camadas que vão do riso ao choro, da dor ao amor. A peça se passa em três tempos, onde iluminação e cenário realçam cada parte. É uma alegria conduzir esse encontro de duas gerações, mãe e filha, numa

comédia dramática cheia de poesia e afeto", afirma.

Para Giulia, a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando pensa em "A Lista" é "encontro": o encontro entre amigos que queriam trabalhar juntos, o encontro entre mãe e filha, o encontro entre gerações, o (re)encontro com o teatro e, acima de tudo, o encontro entre duas vizinhas que tem tantas coisas em comum. "Nesses novos tempos, 'A Lista' virou uma linda surpresa. Uma peça emocionante, surpreendente e singela, que resgata aquilo que nós seres humanos temos de mais especial: a comunicação e a empatia", reforça Giulia.

A montagem de "A Lista" é resultado de um longo processo. Criada no começo da pandemia, em maio de 2020, o espetáculo nasceu com o intuito de ajudar os profissionais da área teatral que ficaram sem trabalhar devido ao isolamento social, passou por algumas

experimentações, e foi ganhando corpo com o passar do tempo. A montagem fez apresentações online de um trecho do texto, conquistando mais de 170 mil espectadores. Em seguida, o espetáculo foi apresentado parcialmente para plateias reduzidas, atendendo as orientações sanitárias da época. "Nós tivemos a oportunidade de ir experimentando. Os meses de pandemia nos permitiram esse amadurecimento do processo. Diante da resposta a esse pequeno trecho que apresentamos, constatamos que é um trabalho muito poderoso. Rapidamente o público interage e se identifica com as personagens, tal a comunicabilidade da peça e a dramaturgia clara, eficiente, sonora, divertida e emocionante", lembra Lilia. "Então decidimos seguir adiante e fazer a montagem integral do texto inédito que passou por São Paulo e agora chega ao Rio", acrescenta.

"A Lista" estreou em março de 2022, em São Paulo, e teve mais de 30 mil espectadores em oito meses de temporadas paulistas, além de apresentações em Santos, Jundiá,

Campinas e Campos do Jordão. Desde então, já fez mais de 100 apresentações, marca atingida em 24 de fevereiro deste ano. A peça foi indicada em três categorias no Prêmio Bibi Ferreira 2022: Melhor Atriz (Lilia Cabral), Melhor Atriz Coadjuvante (Giulia Bertolli) e Melhor Dramaturgia de Peça em Teatro (Gustavo Pinheiro). O texto da peça acaba de ser lançado em livro pela Coleção Dramaturgia, da Editora Cobogó.

SERVIÇO

A LISTA

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 – Cinelândia)
27 a 29/10, sexta e sábado (19h) e domingo (17h)
Ingressos de R\$ 39 e R\$ 140

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.